

FEA - USP

Homenagem a José Pastore

Cacilda Luna

Uma cerimônia com muitas recordações. A homenagem ao Professor José Pastore foi recheada de várias histórias que marcaram a vida profissional do ex-titular da FEA. Familiares, amigos e antigos colegas do Departamento de Economia e da Fipe compareceram à abertura da reunião da Congregação, no dia 27 de novembro de 2013, momento reservado especialmente para prestigiar um dos maiores especialistas brasileiros em relações do trabalho, emprego e recursos humanos do país.

Apesar de ter se aposentado em 1989, Pastore nunca se afastou da instituição e, muito menos, dos temas polêmicos. "Em 2014, vai fazer 50 anos que eu entrei como docente na USP. É uma longa jornada, o tempo passou muito depressa e muitas coisas acabaram ficando para trás, esquecidas. Mas outras não, outras se fixaram na minha memória e nunca vão se apagar. E todas elas dizem respeito à vivência que tive aqui na USP", disse o antigo professor de Sociologia Econômica da FEA.



Uma das lembranças, o próprio Pastore se encarregou de contar. Foi nos anos de chumbo do regime militar, em 1968. O então ministro da Educação Jarbas Passarinho encomendou ao IPE (Instituto de Pesquisas Econômicas), precursor da Fipe, uma "pesquisa desafiadora". À frente do grupo de pesquisas, Pastore foi encarregado de levantar a demanda de profissionais especializados no mercado de trabalho. Era a primeira pesquisa encomendada ao Instituto. O ministro queria estender as escolas profissionalizantes para toda a rede pública do Brasil, mas precisava de fundamentos para concretizar o plano.

"Eu fiz a pesquisa. E não é que o resultado deu exatamente o inverso do que ele pretendia? A demanda era muito exígua, muito pequena para uma aventura daquele tipo", recordou-se Pastore. Quando o estudo ficou pronto, coube ao professor levar os resultados ao ministro da Educação, que ficou inconformado. "Os resultados explodiram como uma bomba na cabeça dele. Inconformado, ele chamou uma porção de assessores, nos trancou numa sala e falou: -- olha, eu só vou aceitar esses resultados aqui, quando vocês todos analisarem e comprovarem que eles têm fundamento total".

O ex-titular da FEA disse que Jarbas Passarinho ordenou aos assessores que começassem a trabalhar imediatamente e que ele, Pastore, ficaria o tempo que fosse necessário no MEC para dar os esclarecimentos. "E lá fiquei por vários dias. O ministro entrava e saía da sala para saber das coisas. Mas ele estava ansioso e, quando os assessores concluíram que não dava para contrariar os dados - por mais que nós torturássemos aqueles dados (era impossível chegar a um resultado diferente) - ele se convenceu, mudou de plano e pagou o IPE". Pastore contou que, desse período, nasceu uma amizade entre os dois que dura até os dias de hoje.

Pastore: o verdadeiro "ministro do Trabalho"

A cerimônia em homenagem ao Professor José Pastore foi presidida pelo vice-diretor da FEA, Nicolau Reinhard. Representando o diretor Reinaldo Guerreiro, Reinhard ressaltou as qualidades de Pastore como acadêmico e também como formador de opinião. Segundo ele, o ex-titular da Faculdade e ex-diretor acadêmico da Fipe contribuiu muito para o prestígio e a visibilidade da escola, através da sua atuação na comunidade, quer na vida pública em cargos políticos, quer no setor privado junto a empresas. Disse que ele assumiu, ao longo de sua trajetória, posições importantes e que suas ideias geraram "contribuições relevantes em certas situações, algumas delas bastantes críticas da vida pública".

Essa característica de Pastore, de "não fugir à polêmica" e de procurar sempre novos temas, foi um dos pontos ressaltados por seu ex-colega do Departamento de Economia, Hélio Zylberstajn, um dos organizadores da homenagem, ao lado do Prof. Roberto Macedo. Entre os exemplos, Zylberstajn citou que José Pastore foi o formulador da política salarial que garantiu aos trabalhadores a reposição da inflação e que abriu espaço para a negociação de aumentos reais anuais, na época denominados de aumentos pela produtividade. E foi além: "No início dos anos 80, Pastore se atreveu a falar em administração de conflitos trabalhistas, quando o tema era tratado ou como luta de

classes, ou litígio jurídico. Foi nessa época que ele propôs o conceito de unidade de negociação, na qual sindicatos e empresas negociariam salário e condições de trabalho. Eram ideias arrojadas para aqueles tempos". Os tempos eram de greve no ABC paulista.

Mas como Pastore conseguia influenciar a política trabalhista do governo, naquela época, sendo apenas professor da FEA? A resposta foi dada pelo próprio protagonista. José Pastore foi convidado para ser o braço direito do ministro do Trabalho Murilo Macedo, durante o governo do presidente João Batista Figueiredo, a quem assessorou e ajudou a colocar em prática as novas diretrizes da política trabalhista. Sua atuação, apesar dele estar nos bastidores, foi fundamental para mudar as futuras relações entre patrões e empregados.

"O Murilo Macedo era um bancário e a maioria dos seus secretários eram bancários. Eles não entendiam da área do trabalho. Sempre havia o dedo do Prof. Pastore. Então, a gente que estava trabalhando naquele contexto sabia que as diretrizes, as linhas, eram um aconselhamento que ele dava. Ele tinha uma posição específica, mas ele era um homem de confiança e fazia as coisas acontecerem. E todo mundo sabia.", relembrou o Prof. Marcos Cortez Campomar, que na época também era ligado ao Ministério do Trabalho. "Na minha opinião, ele era mais ministro que o ministro. Minha homenagem é chamá-lo de ministro do Trabalho José Pastore".

José Pastore, que continua a atuar como consultor, pesquisador e articulista do jornal O Estado de S. Paulo, já escreveu 39 livros e cerca de 600 artigos em revistas científicas e veículos de comunicação, no Brasil e no exterior. No dia 5 de dezembro, será lançado na Livraria Cultura - Conjunto Nacional o livro "Uma Reflexão sobre as Relações do Trabalho - Homenagem ao Professor José Pastore" (LTR Editora), que reúne vários artigos de pessoas ligadas à área do trabalho. A homenagem realizada na FEA teve a presença da esposa Vilma, dos filhos Ana Cláudia, José Eduardo e Silvia, além dos netos.

03/12/2013